

Pesquisa e Educação na Contemporaneidade: Perspectivas Teórico-Methodológicas  
Caruaru, 13 e 14 de setembro de 2012

EIXO TEMÁTICO 1- Educação, diversidade cultural e processo de produção de desigualdades.

## **A ÁFRICA E SEUS POVOS: O QUE DIZEM OS LIVROS DIDÁTICOS?**

**Geiza Maria Cavalcante Brasil – PMJG**  
**José Bento Rosa da Silva - UFPE**

### **RESUMO**

Este estudo, em andamento, visa contribuir para a percepção da visão de África e descendência africana apresentada aos estudantes das séries finais do Ensino Fundamental através do discurso apresentado nos livros didáticos e nas ilustrações contidas nos livros de utilizados no município do Jaboatão dos Guararapes, na perspectiva da Lei 10.639/03 e 11.645/08, que tratam do ensino de História e Cultura da África e afro-brasileira. Realizando a leitura de imagens enquanto documentos que traduzem a forma como a questão étnica é abordada nestas obras. Baseando-se no que afirma o Plano Nacional para Educação Étnico-racial em dados qualitativos por meio de análise documental e, tal abordagem embasa-se, sobretudo, nos Diretrizes Curriculares para Educação das Relações Étnico-raciais e do Ensino de História e Cultura Africana e Afro-brasileira as leis que estabelecem a importância de tal temática para a valorização cultural.

**PALAVRAS-CHAVE: História, Diversidade Cultural, Livro didático, Imagens.**

### **1. Introdução**

O estudo baseia-se no que afirma o Plano Nacional para Educação Étnico-racial em dados qualitativos por meio de análise documental. Este documento afirma que 2012 encerra o prazo para a implementação, reconhecendo a obrigatoriedade de tal abordagem mediante as leis que estabelecem a importância de tal temática para a valorização cultural, intelectual e filosófica atribuídas a estes povos. Durante a análise foram confrontados dados da pesquisa com o que vem sendo produzido pela academia sobre a temática, que corrobore com a implementação das Leis 10.639/03 e 11.645/08. Durante o trabalho docente realizado nas escolas públicas do município, é notável que grande parte dos

estudantes que frequentam seus bancos escolares, são de cor negra, porém ainda assim não reconhecem-se como cidadãos negros brasileiros<sup>1</sup>.

Desde a implementação da Lei de Diretrizes e Bases para a Educação Nacional (LDBEN)<sup>2</sup> nº 9.394/96 que inclui em seu Artigo 26º, no parágrafo 4º: “*O ensino da História do Brasil levará em conta as contribuições das diferentes culturas e etnias para a formação do povo brasileiro, especialmente das matrizes indígena, africana e europeia*”. Foi acrescida da Lei 10.639<sup>3</sup> de dezembro de 2003. Desde então, há esforços dos estudiosos no intuito de produzir materiais que auxiliem a implementação da Lei. O Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Etnicorraciais e para o ensino de História e Cultura Afrobrasileira e Africana surge para estabelecer as diretrizes bem como o objetivo fortalecer e institucionalizar tais orientações.

## **2. Perspectiva teórica e metodológica**

Para a realização do estudo foi adotada uma perspectiva qualitativa de análise das imagens, baseando-se na seguinte seqüência de atividades:

A primeira fase constituiu-se na escolha dos livros didáticos a serem elencados na pesquisa, sendo escolhidos então os de maior aceitação pelos professores da disciplina na Rede Municipal, seguida da observação e análise do conteúdo apresentado nas duas coleções dos livros didáticos mais adotados pelo município. Durante a análise foi realizado um mapeamento das imagens apresentadas nos quatro volumes (6º ao 9º Ano do Ensino Fundamental) de cada uma das coleções com o intuito de partindo destas, contribuir para a melhor formação da imagem da herança cultural deixada, agindo numa perspectiva de ampliar o conhecimento dos estudantes visando contribuir para a construção de sua identidade e reconhecimento.

---

<sup>1</sup> Sobre o processo psicológico de “embranqueamento” ver: SOUZA, Neusa Santos. Tornar-se Negro, Graal 1990, 2ª Edição. Rio de Janeiro.

<sup>2</sup> BRASIL, Ministério da Educação. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/1996)* Disponível em: <http://www.mec.gov.br> acessado em 20/03/12.

<sup>3</sup> A lei nº 10.639, de 09 de janeiro de 2003, altera a lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, e passa a vigorar acrescida dos seguintes arts. 26-A, 79-A e 79-B: "Art. 26-A . Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira. § 1º O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil. § 2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras". .Art. 79-B. O calendário escolar incluirá o dia 20 de novembro como ‘Dia Nacional da Consciência Negra’.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino de História afirmam sobre a obrigatoriedade de inclusão de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana nos currículos da Educação Básica trata-se de decisão política, com fortes repercussões pedagógicas<sup>4</sup>, inclusive na formação de professores.

Assim, reconhece-se que, além de garantir vagas para negros nos bancos escolares, é preciso valorizar devidamente a história e cultura de seu povo, buscando reparar danos, que se repetem há cinco séculos, à sua identidade e a seus direitos.

De acordo com o Plano Nacional de Educação Étnico-racial a utilização de uma pedagogia nessa perspectiva proporciona aos negros uma maior valorização e fortalecimento da sua cultura e aos não negros o reconhecimento da influencia dessas contribuições nas suas características físicas, familiares, nos gestos e ações do seu dia a dia, fortalecendo a valorização do contributo desses povos para a formação da cultura brasileira como afrodescendente.

A relevância do estudo de temas decorrentes da história e cultura afro-brasileira e africana não se restringe à população negra, ao contrário, diz respeito a todos os brasileiros, uma vez que devem educar-se enquanto cidadãos atuantes numa sociedade multicultural e pluriétnica, capazes de construir uma nação democrática.

O parecer procura oferecer uma resposta, entre outras, na área da educação, à demanda da população afrodescendente, no sentido de políticas de ações afirmativas, isto é, de políticas de reparações, e de reconhecimento e valorização de sua história, cultura, identidade. Trata, ele, de política curricular, fundada em dimensões históricas, sociais, antropológicas oriundas da realidade brasileira, e busca combater o racismo e as discriminações que atingem particularmente os negros. Nesta perspectiva, propõe à divulgação e produção de conhecimentos, a formação de atitudes, posturas e valores que eduquem cidadãos orgulhosos de seu pertencimento Etnicorracial - descendentes de africanos, povos indígenas, descendentes de europeus, de asiáticos – para interagirem na construção de uma nação democrática, em que todos, igualmente, tenham seus direitos garantidos e sua identidade valorizada. (Parecer CNE/CP nº 03/2004)<sup>5</sup>

Tal menção motivou nossa pesquisa, que trata da análise das ações da formação dos professores a cerca das Leis 10.639 e 11.645 e sua relação com a obrigatoriedade do ensino da história da África no Brasil está certamente atrelada as múltiplas interações do corpo social

---

<sup>4</sup> Sobre esta questão. Ver. GOMES, Nilma Lino e SILVA, Petronilha B. Gonçalves. **Experiências étnico-culturais para a formação de professores**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011, 3ª. Ed.; MUNANGA, Kabenguele (Org.) **Superando o racismo na escola**. Brasília: ministério da educação, Secretaria de Educação Fundamental, 2001; ABRAMOWICZ, Anete e GOMES, Nilma Lino (Orgs.). **Educação e raça: perspectivas políticas, pedagógicas e estéticas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010

<sup>5</sup> Parecer CNE/CP nº 03/2004, acessado em 03/05/2012. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/003.pdf>

brasileiro e local, estimulando assim o surgimento do que há de melhor, mas também aguçando as tendências mais conservadoras e ligadas a um passado escravista mal assumido<sup>6</sup>. E o novo esforço educador pode se transformar num fator democratizante e, mais ainda, num processo integrador de vocação universal. (WEDDERBURN,2009)<sup>7</sup> Toma-se como premissa que a mais marcante das particularidades africanas o fato de seus povos autóctones terem sido o berço original de todas as populações humanas do planeta, o que faz do continente africano o progenitor único da espécie humana. Segundo ele, continente africano, apresentando-se como exclusivo berço dos processos interligados de hominização e de sapienização e, é o único lugar do mundo onde se encontram, em perfeita sequencia geológica, acompanhados pelas indústrias líticas ou metalúrgicas correspondentes, todos os indícios da evolução da nossa espécie a partir dos primeiros hominídeos ancestrais. A humanidade, antiga e moderna, desenvolveu-se primeiro na África e logo, progressivamente e por levas sucessivas, foi povoando o planeta inteiro.

Sabe-se ainda que grupos humanos modernos saíram do continente africano pela primeira vez há aproximadamente 100.000 anos. E que essa população com cerca de apenas dois mil indivíduos rumou avançando para povoar outros continentes. Portanto, as populações humanas são consideradas como fenômenos recentes, levando a existência das atuais diferenças morfo-fenotípicas entre as populações humanas.

## 2.1 Imagem/Documento

A história por ser um campo das ciências humanas, requer a interpretação ou tradução da realidade do outro que é determinada pela subjetividade. Portanto, este se torna o lugar privilegiado da produção e proliferação de ideias, mas principalmente de aberrações perigosíssimas como o racismo e emanados ideológicos (religiosos e laicos): o campo da análise histórica.

Para Paiva<sup>8</sup>, o uso das imagens revela-se como fonte privilegiada e as novas gerações tem feito isso com muita destreza. Já não as vemos como simples “ilustrações”, “gravuras”, “figuras” e “desenhos”, que ervem para deixar o texto mais colorido, menos pesado e mais chamativo para os leitores de todas as idades.

---

<sup>6</sup> Esta questão nos remete ao abolicionista Joaquim Nabuco, que na campanha abolicionista afirmava: “Não basta acabar com a escravidão, é preciso destruir a obra da escravidão”.In. NOGUEIRA, Marco Aurélio. *Joaquim Nabuco – O Abolicionismo*. Petrópolis: 1988,p.18.

<sup>7</sup> WEDDERBURN, Carlos Moore. *Novas Bases para o Ensino da História da África no Brasil (considerações preliminares)*, 2009. PDF disponível em <[http://www.forumafrika.com.br/NOVAS%20BASES%20PARA%20O%20ENSINO%20DEFINITIVO%200para%20MEC\\_11%20abril\\_1\\_.pdf](http://www.forumafrika.com.br/NOVAS%20BASES%20PARA%20O%20ENSINO%20DEFINITIVO%200para%20MEC_11%20abril_1_.pdf)>

<sup>8</sup> PAIVA, Eduardo França. *História e Imagens*, 2ª Edição. Belo Horizonte, Editora Autêntica,2006.p.17.

A iconografia é tomada agora como registro histórico realizado por meio ícones, imagens pintadas, desenhadas, impressas ou imaginadas e, ainda, esculpidas, modeladas, talhadas, gravadas e em material fotográfico e cinematográfico.

São registros com os quais os historiadores e os professores de História devem estabelecer um diálogo contínuo dos quais como afirma E. P. Thompson<sup>9</sup>, onde é preciso saber indagá-lo e deles escutar as respostas.

A iconografia, enquanto fonte histórica traz em si as escolhas do produtor e de todo o contexto no qual foi concebida, idealizada, forjada ou inventada. Neste aspecto, ela é uma fonte como qualquer outra e, como tal, deve ser explorada com muito cuidado. Pois, não são raros os casos em que elas passam a ser vistas como verdade, porque estariam retratando fielmente uma época, um evento, costume ou paisagem.

Para Foucault<sup>10</sup> e isso a história desde sempre o ensinou — o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas é aquilo pelo qual e com o qual se luta, é o próprio poder de que procuramos assenhorear-nos. Daí se percebe que há uma intencionalidade naquilo que é exposto, e que, portanto, estes consistem naquilo que Paiva (2006)<sup>11</sup> chama de armadilhas metodológicas.

Paiva afirma que os historiadores e os professores de história não devem, jamais se deixar influenciar por estas armadilhas metodológicas. E, ainda ressalta que a imagem quanto mais colorida, mais bem traçada, mais pretensamente próxima da realidade, no passado e no presente, mais perigosa ela se torna.

*“Quantas vezes tomamos uma cena idealizada dos moldes renacentistas como retrato daquele tempo, das cortes, dos homens e das mulheres, da cidade e da fé daquele tempo? É preciso filtrar todas as imagens, todos esses registros iconográficos.”(Paiva<sup>12</sup>, 2006)*

Mas é fundamental que não nos esqueçamos de fazer a imagens, como a qualquer outro documento, as perguntas que caracterizam o início de todos os nossos trabalhos e nossas reflexões. Quando? Onde? Quem? Para quem? Para quê? Por quê? Como? Acrescidas ainda de outros procedimentos. Primeiramente deve-se preocupar com as apropriações sofridas por esses registros com o passar dos anos e, evidentemente, diante das necessidades e dos projetos de seus usuários.

---

<sup>9</sup> THOMPSON, E. P. *A miséria da Teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser.* (trad.) Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

<sup>10</sup> FOUCAULT, M. *A ordem do Discurso.* (L'Ordre du discours, Leçon inaugurale ao Collège de France prononcée le 2 décembre 1970. Éditions Gallimard, Paris, 1971.) Tradução de Edmundo Cordeiro.

<sup>11</sup> PAIVA, Eduardo França. *História e Imagens*, 2ª Edição. Belo Horizonte, Editora Autêntica, 2006, p. 26.

<sup>12</sup> PAIVA, Eduardo França. *História e Imagens*, 2ª Edição. Belo Horizonte, Editora Autêntica, 2006, p. 19.

Alem disso, temos que nos perguntar sobre os silêncios, as ausências e os vazios que sempre compõem o conjunto e que nem sempre são facilmente detectáveis.

Sem tal preocupação com relação às fontes iconográficas, os historiadores e os professores de História transformam-nas em reles figurinhas e ilustrações de fim de texto e, pior, emprestam-lhes um estatuto equivocado e prejudicial ao conhecimento histórico, principalmente na relação estabelecida entre estes e os próprios textos.

É nesta perspectiva que surge este estudo numa observação crítica da leitura da imagem. Investigando as imagens relacionadas a temática e analisando-as e questionando-as sobre de que forma essas imagens contribuem para a formação dos estudantes na perspectiva das Leis Étnicas<sup>13</sup>.

### 3. Analisando as Obras

Descrevemos os volumes destinados aos alunos do 9º ano, mais utilizados pelos professores da disciplina de História no desenvolvimento de Sua prática docente. A saber, o livro *Projeto Araribá – História*<sup>14</sup>, obra coletiva organizada pela Editora Moderna, o livro *História das cavernas ao Terceiro Milênio*<sup>15</sup>, ambas as obras nas versões destinadas aos estudantes.

#### 3.1 E os livros didáticos?

A análise das obras foi iniciada com o levantamento de todas as imagens relacionadas ao tema em toda a obra e posteriormente agrupadas sob duas categorias: a primeira que compreende imagens que representam *situação positiva* a população negra, pois, mesmo que estas imagens estejam presente em menor quantidade em relação as imagens relacionadas na segunda categoria, denominada como sendo apresentação em *situação negativa* relacionada ao futebol, dança ou ao lado exótico dos povos de África.

É necessária uma análise crítica na leitura das imagens, como afirma Paiva (2006)<sup>16</sup> sobre a errônea concepção da imagem como prova e verdade irrefutável:

*(...)a armadilha iconográfica parece ser mais sedutora que as armadilhas das outras fontes. (...) A imagem, bela, simulacro da realidade, não é a realidade histórica em si, mas traz porções dela, traços, aspectos, símbolos, representações, dimensões ocultas, perspectivas, induções, códigos, cores e formas nela cultivadas.*

É preciso lembrar que a imagem não é a representação fiel de eventos ou objetos históricos, nem o retrato de uma verdade, pois a História e seus diversos registros são sempre o resultado de

---

<sup>13</sup> Refere-se as Leis 10.639/2003 e a Lei 11.645/2008, que serão explicitadas ao longo deste texto.

<sup>14</sup> APOLINÁRIO, Maria Raquel. *Projeto Araribá – História*, vol.4, 2ª Edição – São Paulo : Moderna, 2007.

<sup>15</sup> MOTA, Myriam Becho. *História:das Cavernas ao Terceiro Milênio*.Vol.4, 2ª Edição – São Paulo: Moderna, 2006.

<sup>16</sup>PAIVA, Eduardo França. *História e Imagens*, 2ª Edição. Belo Horizonte, Editora Autêntica,2006. p.18.

escolhas, seleções e olhares de seus produtores e das influências deixadas nessa produção. (PAIVA, 2006)<sup>17</sup>

Os volumes analisados pertencem a distintas categorias das elencadas pelo PNLD 2011 no aspecto de referência as Leis Étnicas: A primeira intitulada: *Projeto Araribá – História*, que enquadra-se na categoria elencada como informativa em relação a forma como o conteúdo é abordado.

As duas outras obras analisadas, intituladas: *História - das cavernas ao terceiro milênio* e *História, Sociedade e Cidadania* enquadram-se segundo os parâmetros do PNLD dentro da postura crítico-reflexivo das obras.

### ***Projeto Araribá História***

O Livro intitulado *Projeto Araribá – História*, que em seu volume destinado ao 9º ano, correspondente a antiga 8ª série, por ser neste volume tratado mais diretamente os processos de descolonização africanos e o Apartheid, apresenta ao longo do volume um total de 33 imagens relacionadas a temática.

No volume do 9º ano do *Projeto Araribá História*, foram encontradas 33 (trinta e três) imagens acerca da temática. Porém, destas imagens apenas 39% delas enquadram-se na macrocategoria de *imagens positivas*, mesmo que dentre estas imagens seja perceptível uma hipervalorização de situações onde os povos africanos e afro-brasileiros sejam vistos como povos dotados de força bruta destinada a mão de obra pouco qualificada e/ou escrava<sup>18</sup>, seja restringindo sua imagem aos talentos como tendências unicamente direcionadas para a dança<sup>19</sup>, a capoeira, o atletismo e, sobretudo para o futebol<sup>20</sup>. Como se, estes povos só produzissem esse tipo de cultura<sup>21</sup>, relacionado com seu aspecto físico, reforçando as teorias racialistas do século XIX<sup>22</sup>, que exaltavam os africanos unicamente

---

<sup>17</sup> PAIVA, Eduardo França. *História e Imagens*, 2ª Edição. Belo Horizonte, Editora Autêntica, 2006, p.20-21. Sobre esses assuntos ver: FONSECA, Thaís Nivia de Lima. “*Ver para Compreender*”: arte, livro didático e a história da nação. In: SIMAN, L. M. de C. & FONSECA, T. N. de L. e. (orgs.) *Inaugurando a História e construindo a nação: discursos e imagens no ensino de História*. Belo Horizonte: Autentica, 2001, p. 91-121.

<sup>18</sup> Ver imagens 02, 05, 07 e 08 sobre mão de obra escrava ou pouco qualificada dando conotação de inferioridade.

<sup>19</sup> Ver imagens em APOLINÁRIO, Maria Raquel. *Projeto Araribá – História*, vol.4, 2ª Edição – São Paulo : Moderna, 2007, p.38.

<sup>20</sup> Ver imagens 9, 10 e 11 em anexo extraídos da obra APOLINÁRIO, Maria Raquel. *Projeto Araribá – História*, vol.4, 2ª Edição – São Paulo : Moderna, 2007.

<sup>21</sup> A ideia que perpassa pela obra destaca as pessoas negras em situações que não demonstram alto grau de intelectualidade. Não que esta cultura, dança e arte não sejam importantes, mas que assim como as diversas culturas mundiais, é importante que também se enfatize características intelectuais importantes, como a filosofia, matemática, etc..

<sup>22</sup> Sobre esta questão ver. BANTAN, Michel. *A Idéia De Raça*. Lisboa: Ed. 70, 1977.

como a força física, aptos para o trabalho braçal. O conjunto da cultura universal, como apontam algumas pesquisas<sup>23</sup> não somente tornando-os visíveis por seu desempenho corporal, físico, e ou imagens negativas.

A Imagem 01<sup>24</sup>, (ver anexo)<sup>25</sup> encontra-se como capa de abertura do primeiro capítulo da obra que traz como título ‘A Era do Imperialismo’ tratando de temas como a colonização de África e Ásia. Que parece pela organização das imagens então dispostas como algo tranquilo, passivo e pacífico. A imagem marcada pela imagem do francês (branco) como superior a todos os homens escravizados (negros) que o seguem carregando fardos pesados. Tal imagem corrobora para a visão existente de que só a partir da chegada e do domínio do colonizador passa a existir progresso.

A Imagem 02<sup>26</sup> nos apresenta uma ideia semelhante, de que a criança inglesa, representada sobre o cavalo, encontra-se acompanhada de homens indianos seus possíveis tutores, mas há a presença de um servo ou escravo negro, que em desvantagem aos outros homens ali representados está descalço e trajando roupa menos nobre que os demais, com o intuito de apresentá-lo como inferior.



Figura 1



Figura 2



Figura 3

As imagens 03 e 04, pertencem a um gráfico relacionado a partilha imperialista dos territórios coloniais em África, e indicam o mapa do mundo como um bolo sendo repartido, onde respectivamente os impérios alemão e italiano. Na imagem 03, que representa o império alemão como colonizador da região Sudoeste, o Camarões e Togo. Sobressai nela a visão de civilidade dada ao colonizador representado por um professor alemão (sentado em uma cadeira) e seus alunos africanos, respeitados os contextos, essa

---

HERNANDEZ, Leila. Leite. *A África Na Sala de Aula*. SP: Selo Negro, 2005.

<sup>23</sup> CUNHA JUNIOR, Henrique. *Tecnologia Africana na formação Brasileira*, Rio de Janeiro, CEAP, 1ª Edição, 2010.

<sup>24</sup> Imagem do Explorador Francês Louis Mizon em expedição a África, charge publicada no jornal Francês *Le petit Journal*, em julho de 1892. *Projeto Araribá- História, Vol.4, 2007*, p.10.

<sup>25</sup> As imagens que serão discutidas neste estudo e suas referências utilizadas no texto estão disponibilizadas em anexo. APOLINÁRIO, Maria Raquel. *Projeto Araribá – História*, vol.4, 2ª Edição – São Paulo : Moderna, 2007. p.10.

<sup>26</sup> APOLINÁRIO, Maria Raquel. *Projeto Araribá – História*, vol.4, 2ª Edição – São Paulo : Moderna, 2007.p.18.



imagem pode passar despercebida de um olhar pouco crítico, mas, pensá-la por dois caminhos, utilizando-a para refletir como se deu esse processo, de “aceitação” de um professor alemão, trazer sua cultura, sua língua, seus valores diferentes daquela cultura? Ou, apresentá-la apenas como sendo fruto de um olhar de uma “ação pacífica”, da perspectiva do colonizador que proporciona a “benesse” de seu conhecimento aquele grupo o que há por trás da imagem, neste momento poderia representar melhor o contexto real da situação imagens que representassem a resistência dos colonizados, contribuindo para mostrar a situação positiva de resistividade dos povos colonizados. Não reflete ou apresenta qualquer imagem sobre a resistência dos povos colonizados. A ideia de relação pacífica é reforçada pelas imagens apresentadas.

Na imagem 04, reforça a visão do costume “civilizado” do colonizador em detrimento dos costumes africanos, na mesma perspectiva da imagem anterior. E não há qualquer referência da própria imagem que nos remeta a conhecer sobre o povo africano ali presente: *Senhor italiano viaja transportado por camelo em Tripolitânia, na Líbia, em 1914*<sup>27</sup>.

No tema intitulado: Arte moderna: entre a cultura popular e a cultura erudita, apresenta relação entre a obra de Pablo Picasso e a influência africana, poderia ser explorada de forma mais profunda, e assim contribuir para a autoestima dos estudantes afrodescendentes dando um enfoque na valorosa contribuição cultural. No final desta *Unidade I*, existem textos sobre a situação em 2004 da África Subsaariana acompanhado de uma imagem que lembra muito os subúrbios brasileiros, um outro texto refere-se aos europeus na África Ocidental seguido de um quadro contendo o IDH<sup>28</sup> de alguns países em 2008, e um terceiro sobre a Costa Atlântica com uma imagem de uma escola pública africana que não relaciona-se a **nenhuma** das informações disponibilizadas no texto. Mas, ainda sim, reforça a ideia de inferioridade apresentada pela tabela do texto anterior.

Na *unidade 6* que aborda a Guerra Fria e o Socialismo, depois da Segunda Guerra Mundial. Relata ainda o esporte como ferramenta para fins ideológicos de denúncia de racismo e de conflitos esportivos, nas atividades destinadas ao estudante, apresenta um texto biográfico sobre Martin Luther King, ilustrado com duas imagens deste líder.

---

<sup>27</sup> APOLINÁRIO, Maria Raquel. *Projeto Araribá – História*, vol.4, 2ª Edição – São Paulo : Moderna, 2007.p.21.

<sup>28</sup> Índice de Desenvolvimento Humano.



imagem 04



imagem 05



imagem 06

A obra dedica o tema seguinte ao processo de independência de África, intitulando-o *A descolonização da África*. Neste tema, apresenta o maior grupo de imagens que representam de forma positiva o povo africano, como a de militantes pela independência da Guiné e do Cabo Verde comemorando a independência de Guiné-Bissau, e ainda a do povo angolano comemorando a sua independência. Acresce-se ainda a este bloco um texto sobre a questão do *Apartheid* ilustrada por Nelson Mandela seguida de um pequeno texto sobre a atual situação da África do Sul.

O bloco traz informações, porém, é deveras importante que com a mesma profundidade que são tratados temas mais ligados ao continente europeu fossem abordados também os temas relacionados ao continente africano. No mesmo bloco, há nas atividades destinadas para o estudante, uma imagem extraída da novela *Escrava Isaura*<sup>29</sup> (1976), traz como comentário “a igualdade de oportunidades dada as atrizes da foto”, onde na verdade, esta imagem aponta para uma tentativa de reforçar o pensamento da “convivência harmônica” entre todos os povos no Brasil.



figura 07



figura 08



fig. 09

### ***História: das Cavernas ao Terceiro Milênio***

O livro *História: das cavernas ao terceiro milênio* apresenta um número menor de imagens, porém, com uma qualidade melhor, apresentando em seu universo ser composto de menos elementos que as demais obras, no conjunto, apresentando uma maior contribuição para a valorização cultural, autoestima dos estudantes, bem como visa discutir

<sup>29</sup> Ver imagem 08 em anexo.

as temáticas relacionadas de forma a apresentar e problematizar a história dos países suas colonizações e suas independências<sup>30</sup> processualmente.



figura 10



fig.11

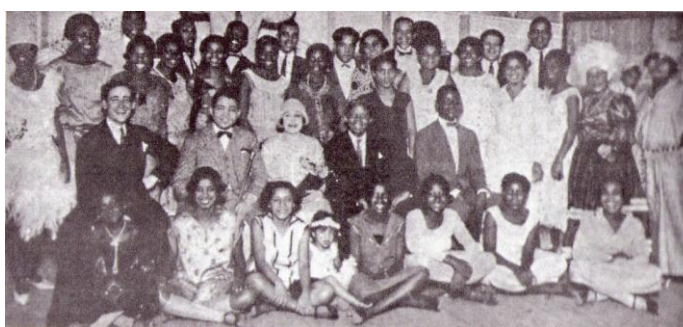


figura 12

### ***História, Sociedade e Cidadania***

O quarto volume da obra, correspondente ao 9º ano, apresenta uma gama de imagens relacionadas a temática, porém poderia aprofundar um pouco mais sobre as resistências dos nativos no aspecto relacionado a colonização e ainda sobre as relações intrínsecas ao processo de independência dos países africanos. Traz imagens que relacionam-se de forma crítica, levando o estudante a refletir sobre a temática.

### **Resultados Parciais**

Este estudo tem possibilitado a ampliação na rede de ensino a importância da participação ativa e crítica dos docentes na escolha do livro didático para o próximo triênio e, sobretudo, na perspectiva dos docentes, o quanto ainda é necessário que os livros didáticos incorporem positivamente em seus textos e imagens a História da África e dos Afro-brasileiros como parte do passado, no intuito de se trazer a luz do conhecimento, a importância das relações estabelecidas com culturas ancestrais.

Nos volumes analisados foi encontrada uma grande diversidade de imagens semelhantes que estavam sendo utilizadas concomitantemente nas três obras ao tratar do tema. Conhecer a origem dos antepassados fortalece a identidade e a autoestima de nossos

estudantes, pois 66,7% das obras adotadas ainda não se adequaram ao que afirmam as Leis Étnicas. Sendo necessárias ainda outras pesquisas que auxiliem os próprios autores das obras a melhorá-las adequando-as ao público que se destina.

A pesquisa encontra-se em curso, havendo ainda obras a serem analisadas e compreendendo a necessidade de complementação da pesquisa com a realização de outras pesquisas que analisem a relação dos alunos com as imagens desses livros didáticos, ou ainda a visão dos próprios docentes acerca dos livros didáticos elencados como material de apoio a sua prática docente, tais pesquisas poderão posteriormente, auxiliar num mapeamento maior sobre a implementação prática e efetiva das Leis Étnicas no município.

## **Bibliografia**

ABRAMOWICZ, Anete e GOMES, Nilma Lino(Orgs.).*Educação e raça: perspectivas políticas, pedagógicas e estéticas*.Belo Horizonte: Autêntica, 2010

APOLINARIO, Maria Raquel. *Projeto Araribá – História Vol. 4. 2ª Edição – São Paulo: Moderna, 2007.*

BITTENCOURT, Circe. Livros didáticos entre textos e imagens. In: BITTENCOURT, Circe (Org.). *O saber histórico na sala de aula*. 3. Ed. São Paulo: Contexto, 2006.

BRASIL, Lei 10.639 de 2003. Disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/110.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm)

FOUCAULT, M. *A ordem do Discurso*. (L'Ordre du discours, Leçon inaugurale ao Collège de France prononcée le 2 décembre 1970. Éditions Gallimard, Paris, 1971.)Tradução de Edmundo Cordeiro.

GOMES, Nilma Lino e SILVA, Petronilha B. Gonçalves. *Experiências étnico-culturais para a formação de professores*. 3ª.Ed, Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2011.

LE GOFF, J. *História e memória*. Campinas: Editora Unicamp, 1990.

MUNANGA, Kabenguele(Org.) *Superando o racismo na escola*. Brasília: ministério da educação, Secretaria de Educação Fundamental, 2001;

NOGUEIRA, Marco Aurélio. *Joaquim Nabuco – O Abolicionismo*. Petrópolis: 1988.

PAIVA, Eduardo França. *História e Imagens*, 2ª Edição. Belo Horizonte, Editora Autêntica,2006.p.17.

Parecer CNE/CP nº 03/2004, acessado em 03/05/2012. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/003.pdf>

SOUZA, Neusa Santos. *Tornar-se Negro*, Rio de Janeiro: Graal, 2ª Edição, 1990.

THOMPSON, E. P. *A miséria da Teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser*. (trad.) Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

WEDDERBURN, Carlos Moore. *Novas Bases para o Ensino da História da África no Brasil (considerações preliminares)*, 2009. PDF disponível em [http://www.forumafrika.com.br/NOVAS%20BASES%20PARA%20O%20ENSINO%20DEFINITIVO%20para%20MEC\\_11%20abril\\_1\\_.pdf](http://www.forumafrika.com.br/NOVAS%20BASES%20PARA%20O%20ENSINO%20DEFINITIVO%20para%20MEC_11%20abril_1_.pdf)